

# DAVID BADDIEL

AUTOR DE *OS JUDEUS NÃO CONTAM*

«UM LIVRO MAGNÍFICO.  
DE TIRAR O FÔLEGO.»  
STEPHEN FRY

«SINCERO, ENGRAÇADO,  
HUMANO E INTELIGENTE.»  
ALAIN DE BOTTON

# O DESEJO DE DEUS

v o g a i s

«Antes que o Reino Divino possa estabelecer-se  
em eventos, tem de ser estabelecido na mente,  
na imaginação humana.»

Bispo Richard Harries, *Thought for the Day*,  
BBC Radio 4, 4 de novembro de 2022

«Damos mais valor à ilusão que nos exalta  
do que a uma multidão de verdades fundamentais.»

Alexandre Pushkin

Sofro de insónias. Há muitas razões possíveis para isso, provavelmente físicas na sua maioria, mas, se se quiser fazer uma abordagem psicanalítica do caso e procurar algo na minha infância, eu diria que tem que ver com a morte. Aos 6 anos, quando tive pela primeira vez consciência da morte, a minha mãe, esforçando-se por amenizar o choque, disse-me: «É como dormir por muito tempo e nunca se acordar.» Penso que, a partir desse momento, nunca mais voltei verdadeiramente a querer dormir.

Lembro-me bem dessa primeira percepção da morte. Lembro-me de estar deitado — na cama de cima de um beliche, apesar de ter o meu próprio quarto — e de rezar a Hashem (um dos vários nomes hebraicos para Deus): suplicar-Lhe freneticamente que os meus irmãos, a minha mãe, o meu pai e o meu melhor amigo, Saul Rosenberg, ainda estivessem comigo depois do túmulo. Que a minha vida, tal como era em Dollis Hill, em 1971, prosseguisse de alguma maneira depois da morte. O que, visto retrospectivamente, é estranho, porque em 1971 Dollis Hill era, sem dúvida, uma espécie de morte.

Para que fique claro, eu não estava a rezar a Hashem na esperança de ir para o céu. Frequentava uma escola primária judaica ortodoxa e o judaísmo não tem uma posição clara sobre a vida depois da morte. Os rabinos medievais tinham uma conceção da *olam ha-ba* (o mundo vindouro), mas a expressão não é referida na bíblia hebraica. O que é estranho, se pensarmos na frequência com que Jesus se refere à vida depois da morte. Porém, este é apenas um dos aspetos em que o cristianismo levou o melhor da religião, em comparação com o judaísmo, e veio por isso a ultrapassá-lo completamente em popularidade.

De qualquer modo, quando Frank Skinner, meu parceiro ocasional de comédia, ou a minha mulher, Morwenna Banks, ambos de origem católica, podiam em crianças orar para terem o céu como seu destino e da sua família, e não o inferno, eu baixava a fasquia. A ideia de bairros após a morte — alguns mais agradáveis do que outros — insinuar-se-ia muito mais tarde, no meu caso. Eu queria apenas existência. Simplesmente, não queria morrer. E estava muito, mas muito, mais distante da morte do que estou agora.

## O desejo de Deus

Quando se escreve um livro, passa-se bastante tempo a pensar na epígrafe. Na verdade, trata-se provavelmente de procrastinação. Escrever um livro é difícil, enquanto ornamentá-lo — escolher a capa, escrever menções elogiosas, epigramas — é, comparativamente, muito mais fácil. Optei por duas citações que o leitor terá lido ainda agora. Gosto delas: penso que são apropriadas.

Porém, a que queria realmente usar era esta:

Um grande amigo disse-me certa vez: «Mas não *queres* acreditar em Deus?» Respondi: «Sim, desesperadamente. É por isso que sei que Ele não existe.»

É a frase de abertura de *The Belief System* (O Sistema de Crenças), um livro da filósofa atea Virginia Brook. Só que Virginia Brook é uma personagem criada por mim, que entra na minha própria peça de teatro *God's Dice* (Os Dados de Deus). E citar-me a mim mesmo em epígrafe seria demasiado reels. Pensei que, sendo este livro sobre a não-existência de algo, pudesse escapar a essa crítica, parecendo talvez adequado começar por citar um livro que não existe — achei que seria suficientemente metafísico e inteligente para justificar o uso —, mas, no fim, tinha um toque demasiado Alan Partridge\*.

Todavia, esta citação enquadra-se realmente no âmago desta polémica. A maioria dos argumentos a favor do ateísmo é filosófica. Por vezes, enredam-se em nós ao lidarem com a questão de como se pode provar a não-existência de algo. No fundo, baseiam-se na ideia de que não há provas da existência de Deus e, por conseguinte, Ele não existe.

O que poderá parecer uma missão atea bem-sucedida. Só que não é, porque também não existem provas concretas, por exemplo, da matéria negra, aquela que constitui 94 por cento do maldito Universo. Não há evidência absolutamente nenhuma. Trata-se, simplesmente, de um conceito inventado

---

\* Personagem de comédia interpretada pelo ator inglês Steve Coogan. Partridge é um apresentador de rádio e televisão com uma personalidade egocêntrica e muitas vezes inadequada. [N. T.]

por cientistas para explicar partes (vastas) do que existe e que não conseguem demonstrar. O que é problemático, de um ponto de vista sem Deus, porque se trata basicamente da mesma presunção de Deus que sempre serviu sacerdotes, imãs e rabinos.

Por outro lado, o meu argumento é, genericamente, de natureza psicológica. Exige uma admissão que, sinceramente, penso notar que a maioria dos ateus não está preparada para fazer. E é a seguinte: amo Deus. Ou seja, a ideia Dele (para efeitos desta polémica, conservarei o pronome patriarcal tradicional, não obstante acreditar que um Deus moderno teria quase decididamente uma nota biográfica no Twitter\* a terminar por Elu/Delu). Quem não adoraria um papá super-herói que expulsa a morte?

### **Bravata ateísta**

Alguns incrédulos que leiam isto pensarão: fale por si. É comum entre ateus, ao descartarem-se da religião, também descartarem as recompensas da religião. Ou, para ser mais concreto, negarem a presença em si mesmos daquilo que a religião visa servir. Há um pouco de bravata no ateísmo. Alguns ateus conjecturam — corretamente — que o que a religião oferece aos seres humanos é consolo, e então, de uma maneira que pode parecer um pouco adolescente, sentem-se impelidos a declarar, em suma: «Consolo? Isso é para bebés.» Contudo, os humanos, de que um subconjunto inclui todos os ateus, *são* bebés, por mais idade, capacidade intelectual e cinismo que vão acumulando.

---

\* Anterior designação da rede social X. [N. T.]

Não importa quão adultos e controlados possamos aparentar ser à superfície; por dentro somos uma colmeia de carências lamurientas, impulsivas e imediatas.

Admito de boa vontade a minha própria infantilidade. Talvez porque sou comediante — ou, antes, será essa a razão por que o sou. Muita da comédia é apenas isso: despojar-se da fachada de adulto. Na verdade, andamos todos a improvisar maturidade: só há um adulto no mundo cuja idade espiritual corresponde à idade que de facto tem, e chama-se Michael Gove\*. Foi por isso que as pessoas se riram (há muito tempo, quando eu era praticamente ainda uma criança) com uma rábula intitulada «History Today» (A História Hoje), que interpretei com Rob Newman no programa televisivo *The Mary Whitehouse Experience*, em que dois distintos professores de História já idosos se arreliam mutuamente como miúdos da escola primária.

Sou imperfeito, frívolo, assustado e muitas vezes desesperadamente carente de consolo, tanto psicológico como físico. No entanto, também sou alguém com lucidez suficiente para ver em tais coisas impulsos e não ideias. Por outras palavras, o meu eu pensante distingue-se do meu eu compulsivo. Nem sempre — dou muitas vezes comigo a pensar «tenho de comer AGORA ou morro», mesmo que sejam 11h da manhã —, mas tenho consciência, até enquanto o penso, de que não se trata de uma maneira lógica de compreender o mundo ou sequer o fenómeno de me sentir faminto. Sei, ao sentir o desejo, que é desejo, e que o desejo não fornece enquadramento para a realidade. O Desejo de Deus não tem de conduzir à Ilusão de Deus.

---

\* Célebre político britânico do partido conservador que tem desempenhado vários cargos governamentais desde 2010. [N. T.]

Contudo, o desejo é real. Para mim, é a própria intensidade dele que me alerta para a realidade da fantasia. A necessidade de imaginar que existe uma porta de saída — qualquer coisa por onde escapar à morte que se vai aproximando constantemente — é algo que posso vaticinar com confiança que existe nos cantos mais recônditos da maioria dos humanos, e a pressão desse desejo conduziu, e conduzirá sempre, à projeção divina. As pessoas falam muito do que significa ser humano, do que nos distingue dos animais. Muito desse discurso é lírico — amor, empatia e coisas desse tipo (por mim, penso que se resume ao facto de sermos os únicos animais que têm vergonha de defecar) —, mas quer isso nos *torne* humanos ou não, somos o único animal que, desde tenra idade — 6 anos no meu caso, em Dollis Hill —, tem consciência da inevitabilidade da morte. É, portanto, impossível olhar para a criação repetitiva de lendas, em todas as culturas e ao longo da história, que de uma maneira ou de outra ludibriam a morte e prometem a imortalidade, sem concluir que Deus é uma projeção de um desejo nosso muito íntimo e fundamental de que não seja tão inevitável.

## Historiado

Não é só a morte que nos faz desejar Deus. Ele presta múltiplos serviços à psicologia humana, proporcionando diversas vias de escape da fria e negra realidade. A morte está no âmago desse desejo — todas essas vias derivam da morte ou, antes, da nossa consciência dela mas Deus também fornece *história*. Os seres humanos têm necessidade de organizar e estruturar o caos da existência. Necessitam de sentir que a vida tem uma narrativa.



A narrativa exige pesos e contrapesos satisfatórios, como o bem ser recompensado e o mal punido. Deus proporciona tudo isso: Ele historia a vida.

Com a história vem mais um benefício de Deus: *significado*. O sentimento, a nível individual, de que a nossa própria narrativa tem sentido — de que, de alguma forma, é importante. Só poderá ser assim se Alguém ou Algo estiver a ter isso em conta. A nossa própria narrativa estende-se à nossa família, aldeia ou país (remeto-o para o tópico relativo a quem é que protege a Rainha\*). Na verdade, estende-se à humanidade como ideia. Somos especiais, e o nosso relacionamento com o divino confirma-o: afinal, Deus fez-nos à Sua imagem e os outros animais não podem ir para o céu (o que, para ser sincero e para quem gosta tanto de gatos como eu, acaba por fazer do céu uma versão do inferno). A propósito, vê-se esta exceccionalidade em muito pensamento não convencionalmente religioso e espiritualista. Quando Russell Brand diz «Você tem de se definir [...] na sua relação com uma entidade superior», a entidade em questão pode não ser Deus com a barba e manto sentado no julgamento dos céus, mas o conceito serve a mesma necessidade: que haja uma relação entre nós e algo eterno, algo transcendente, algo dotado de significado, algo que nos dê sentido.

Tudo isto aponta para outro benefício que recebemos de Deus, no plano psicológico, que é — e tenho noção de que isto não é uma palavra — *parentalidade*†. Deus parental — Deus Pai e Mãe — sincroniza todos os outros benefícios.

---

\* A frase é uma alusão ao título do hino britânico, *God Save the Queen*. Ver «Coda», pág. 85 [N. T.]

† *Parent-ness* no original em inglês. [N. T.]

«ESTE É UM LIVRO FABULOSO. HONESTO, PODEROSO, COMOVENTE. NÃO ME LEMBRO DE ALGUMA VEZ TER GOSTADO TANTO DE UM LIVRO QUE “LOUVE O ATEÍSMO”. MUITOS ATEUS NÃO ENTENDEM REALMENTE A RELIGIÃO. DAVID BADDIEL, SIM.»

GILES FRASER, *THE GUARDIAN*

---

David Baddiel adoraria que existisse um Deus. O conhecido autor e cómico já passou bastante tempo, ao longo da vida, a imaginar sobre como seria melhor para a humanidade se, de facto, existisse um pai super-herói que expulsasse a morte. Infelizmente para ele, não existe. Ou, pelo menos, essa é a sua visão, que tão bem apresenta neste livro, argumentando que é a própria intensidade do desejo humano de que Deus exista que prova a Sua... inexistência.

Depois de *Os Judeus Não Contam*, chega-nos este *O Desejo de Deus*, um ensaio filosófico polvilhado de humor. Aqui, Baddiel expõe-se, admitindo os seus próprios anseios divinos e, com isso, traz-nos um livro mais compreensivo do valor e do poder da religião do que a grande maioria das polémicas ateístas.

---



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
Instagram Facebook Twitter penguinlivros

ISBN 9789897875809



9 789897 875809 >